

SUJEITA, COMO VERBO.

Processos de apagamento/ visibilidade dos corpos mulher em jornais de Pelotas no século XX

ISABELLA A. GUIMARÃES¹; HELENA S. PORFÍRIO²; LOREDANA RIBEIRO³

¹*Universidade Federal de Pelotas - bellaaguimaraes@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – porfiro9898@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – loredana.ribeiro@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é discutir como as mulheres são retratadas e qual espaço é dado/negado a elas pelos meios midiáticos em momentos de instabilidade social. A partir do reconhecimento padrões de visibilidade/apagamento, estamos construindo uma via de identificação e denúncia, dialogando com outras formas de perceber o mundo em momentos históricos específicos.

Para discutir as representações de mulheres em momentos de tensão social temos analisado como a imprensa local se posicionou no que se refere às categorias “mulher” e gênero ao longo do século XX e como essas representações podem ter sido mobilizadas no contexto da Ditadura Militar.

A definição do que é, e como deve ser os corpos mulher, seus comportamentos sociais, iremos nominar de projeto-mulher-mãe-esposa. Esse projeto é difundido nos jornais por uma narrativa de domesticação (que aparece em colunas, classificados, propagandas,etc.) que será o diálogo dessa primeira etapa da pesquisa. A partir de um olhar feminista iremos refletir sobre o espaço (ou ausência dele) das mulheres no jornal e contribuir com as histórias críticas que apenas recentemente estão sendo escritas na academia.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se debruça sobre as publicações do periódico Diário Popular depositadas no centro de documentação e obras valiosas da Biblioteca Pública de Pelotas. Para essa abordagem inicial foram pesquisados os anos entre 1963 e 1985. Esses períodos se tornam de grande interesse se considerarmos que durante os momentos de crise democrática os corpos marginalizados são os primeiros a serem reprimidos, atacados e apagados.

O recorte temporal contempla os anos de 1963 e 1964, imediatamente antes e depois ao golpe militar; 1968 e 1969, antes e após a instauração do AI5 e o ano de 1985, com a abertura democrática. Buscamos, assim, observar eventuais

mudanças/continuidades nas representações e discursos sobre as mulheres num contexto de crise política e posterior instalação da Ditadura Militar. Como essa é uma pesquisa em andamento, futuramente esperamos comparar esses resultados com as notícias ligadas às manifestações feministas nos anos de 2013, 2016 e 2018.

Após a leitura sistemática dos primeiros números de jornais dos anos de 1960 percebemos que as ocorrências de notícias e discussões de interesse às ou com o tema mulheres estavam delimitadas à coluna “Para mulher”(publicada até 1980 e depois rebatizada de coluna “Feminina”); coluna “Encontro marcado”, às manchetes e aos classificados. Construímos assim uma leitura dinâmica em todos os jornais a partir desses pontos focais, recolhendo 102 registros, agrupados em “manchetes”, “classificados”, “colunas”, “propagandas” e “informativos”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre as representações da ‘mulher’ projetadas pelos escritores homens do Diário de Pelotas, se destaca a mulher maternal, do lar, um ser que une a família pelo seu cuidado, por sua dedicação integral e doação da própria vida. Esse imaginário traçado e alinhado ao ideal de mulher branca burguesa, como na coluna que louva o *"convívio maternal" no dia das mães, enaltecendo a "mãe heróica e inesquecível"* (Diário Popular, 12 de maio 1963 p.3).

Passagens como essa mostram um entendimento de mulher não como ser de agência, mas como um ser de reprodução (LUGONES, 2010). Para garantir essa reprodução, a mulher deveria ter uma postura passiva e a serviço dos homens. A mídia hegemônica estava empenhada em domesticar as mulheres brancas de classe média, e mais que isso as não brancas também. Os únicos espaços a elas destinados eram nos anúncios de prestação de serviços, propagandas de produtos de limpeza, além de manchetes no carnaval, onde seus corpos são sexualizados. Através da exclusão das mulheres não brancas e trabalhadoras das colunas de estética, de como ser mãe, como ser mulher, é possível perceber a simultaneidade da opressão de gênero-raça-classe e a conclusão mais uma vez de que são menos humanas que as brancas, que já não eram humanas...

São comuns os classificados de oferta de trabalho doméstico que pedem “moça, preferência de cor”(...). Exige-se boa apresentação (...)” (Diário Popular 3 de maio de 1964 p.2). A imagem e a construção de uma família heteronormativa, a tal “família tradicional brasileira” composta pelo pai provedor, a mãe do lar, as crianças e a doméstica se constrói a partir de processos de opressão. Dialogando com Conceição Evaristo (2005), podemos pensar a representação do corpo da mulher negra como “corpo-procriação e/ou corpo-objeto”. Nos jornais, os poucos espaços onde se faz uma distinção racial, onde se pode observar diretamente o papel destinado às mulheres negras, são os anúncios econômicos (procriação da

força de trabalho) e notícias na época do carnaval (corpo-objeto). O carnaval é o único período do ano em que o corpo da mulher negra aparece fora dos anúncios e das propagandas. Se referindo a essa apropriação de corpos de mulheres negras no Carnaval, Lélia Gonzalez afirma que o rito carnavalesco atualiza o mito da democracia racial, transformando a mulher negra (até então a empregada doméstica, a serviçal) em rainha (Gonzalez, 1984 p.228). Nessa época os corpos negros eram exaltados e exibidos no jornal como um corpo público, um corpo da festa, um corpo que representa o Brasil e sua mestiçagem.

Ao analisar a coluna PARA MULHERES, vemos esse espaço como "dado/cedido" (pela dadora) pelos homens para as mulheres no jornal. É interessante observar que, nessa perspectiva, a coluna surge como um manual de comportamento, onde se davam dicas para a preparação de jantares, dicas de como cuidar do corpo e o estar dentro da moda, um 'como alcançar o projeto de mulher-mãe-esposa perfeita', que rondava o imaginário dos homens que escreviam aquela coluna.

Em 1985, encontramos o espaço "feminina" aos domingos, com imagens de mulheres brancas, magras de biquíni na praia, cortes de cabelo, "tutorial" de moda, seguindo a mesma dinâmica de temática. Sem muitas alterações no período que analisamos, o que muda é que a "feminina" tem mais imagens do que corpo textual. Há outra abordagem periódica, essa diariamente, "Cantinho Infantil" de Marília Poliesti de Alves. Em 1985 a uma constância nos espaços, as definições não tão fluidos como em 1963, enquanto o PARA MULHER, aparecia em até 4 vezes por semana, o "FEMININA" aparece apenas ao domingos, sem grandes mudanças nos conteúdos mas uma diminuição e definição do espaço destinado as 'mulheres'.

Isso nos mostra como o diálogo entre estética, corpo, maternidade estão vinculados ao imaginário de "mulher-mãe-esposa" a mulher como algo belo e doméstico, passivo e recatado, virgem e pornográfico, plástico e imutável. Sempre a dicotomia e a dualidade de seus espaços. Na manchete, "**urss lançou ao espaço primeira mulher astronauta**" primeira notícia do jornal "uma atraente loira de 26 anos" (Diário Popular 18 de junho 1963 p.1). É evidente quando a um deslocamento do papel "natural" que o que deve ser analisado é sua estética, não sua humanidade equivalente ao do homem que se estrutura para ir a órbita, isso não interessa, interessa é sua estética, branca, loira, jovem.

Em momentos de políticas autoritárias, como nesse recorte temporal, a família parece ser uma instituição essencial para a estruturação do processo político que preza pelo "bem estar" da sociedade pela ordem pública e defesa da segurança - palavras de Costa e Silva como justificativa da implantação do AI-5. Essa idéia de família é baseada no projeto mulher-mãe-esposa e isso se mostra de forma evidente na manchete "**Moral e civismo, disciplina agora obrigatória no país.**", "A família moderna facilita de certo modo a implantação e evolução da guerra(...)" (Diário Popular 20 de fevereiro de 1969) a idéia de família moderna

que aqui é comentada, faz referência, principalmente, ao fato da mulher estar trabalhando fora de casa, ocasionando assim a perturbação da instituição familiar.. Mais uma vez remetemos à idéia de que a estrutura da família tradicional se dá em cima de um sistema de opressão, onde a mulher é responsável pela educação moral dos filhos em tempo integral.

4. CONCLUSÕES

No decorrer da pesquisa, tivemos contato com o projeto-mulher-mãe-esposa e todas as referências que encontramos no periódico nos remete uma condição de submissão, passividade, e não agência. Condição esta que negamos, a partir da identificação, denúncia e a construção de um diálogo plural. Trazendo a dimensão de sujeitas-mulher como um ser complexo, de agência, que existe e [r]existe, não mais objeto sobre o qual agir, mas sujeitas que agem, observam, identificam e denunciam. Sujeita, como verbo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, M. C. L. et al (Org.) *Glossário de termos do discurso: projeto de pesquisa: A aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001)*. Porto Alegre: UFRGS; Instituto de Letras, 2001.

LONGINO, Helen. **Valores, heurística e política do conhecimento**. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 39-57, june 2017. ISSN 2316-8994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ss/article/view/133642>>. Acesso em: 24 july 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/51678-31662017000100003>.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. *Ciências Sociais Hoje*, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

HARAWAY, Donna. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. *Cadernos Pagu* (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 1995, pp.7-41.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, jan. 2015. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>>.